

# Recontar de histórias por crianças: instrumento de avaliação da compreensão de leitura

Jerusa Salles, Maria Alice Parente, Bibiana Alexandre,  
Cláudia Xavier e Janice Fernandes\*



**Resumo:** Com o objetivo de estudar a compreensão de leitura de crianças de segunda e terceira séries do Ensino Fundamental, analisou-se o reconto de história lida silenciosamente por 40 escolares de ambos os sexos, metade de cada série, com idades entre 6:11 e 9:4 anos. Na história, segundo Modelo de Compreensão Textual de Kintsch e van Dijk (1978), havia 61 proposições. Os recontos foram analisados pela porcentagem de proposições, macro e microproposições da história original relatadas, número de inferências, interferências e reconstruções presentes. Os resultados mostraram que os sujeitos relataram mais macroproposições do que microproposições e a média do número de inferências foi maior do que a média de interferências e reconstruções. Meninas relataram mais proposições e macroproposições do que meninos, sendo a diferença entre as médias estatisticamente significativa. Crianças com idade inferior a 8 anos apresentaram mais interferências no reconto do que crianças com mais de 8 anos, sendo a diferença entre as médias estatisticamente significativa. Os resultados sugerem que os fatores sexo e idade influenciaram na compreensão textual.

## 1 Introdução

A memória textual é um tópico importante na avaliação do desenvolvimento cognitivo. O recontar de histórias, além de avaliar habilidades de memória, pode ser usado como um instrumento de avaliação da compreensão de leitura. A recordação e o reconhecimento de um texto servem como medidas de compreensão (Flavell, Miller e Miller, 1999).

A compreensão de texto supõe a construção de um modelo mental no qual integram-se elementos descritos no texto e elemen-

\* UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

tos relevantes conhecidos do indivíduo (van Dijk e Kintsch, 1983, citado por Carmona, Gómez e González, 1992). Ela não se resume à capacidade da memória, mas também a capacidade de inferir fatos que não são apresentados explicitamente num texto (Brandão e Spinillo, 1998).

Recontar uma história é uma atividade que requer tanto recursos de memória de curto prazo, que possui capacidade de retenção extremamente limitada dentro de um período de tempo e é muito sensível a interferências, como de memória episódica, que armazena eventos específicos que ocorrem em local e tempo específicos (Parente, Capuano e Nespoulous, 1999).

O relato de um texto é uma atividade de compreensão global, que considera o texto como um todo, sendo também uma atividade de produção de outro texto, requerendo atenção a um modelo apresentado. Ao reproduzir, é preciso selecionar aspectos relevantes do texto original a serem reproduzidos, bem como as relações essenciais entre eles (Brandão e Spinillo, 1998).

Os estudos sobre recontar histórias tiveram grande impulso a partir do modelo para a compreensão de textos proposto por Kintsch e van Dijk (1978). Segundo este modelo, devido às limitações na memória de curto prazo, o processamento de um texto é feito em ciclos, que corresponde, aproximadamente, a uma frase, numa espécie de resumo das informações relevantes. Nestes ciclos, uma estrutura mais geral de significado, a macroestrutura, é extraída das proposições do texto original e mantida na memória episódica junto com os itens finais do ciclo. As frases apresentadas no texto são conhecidas como microestruturas. O ciclo seguinte altera as representações dos anteriores na memória episódica, fazendo com que ocorra a construção gradual de um texto base, que depende dos conhecimentos prévios que o indivíduo tem, armazenados na memória episódica. Para Kintsch (1972), um texto (estrutura superficial) é um conjunto de proposições, unidades de significados que surgem da relação entre dois elementos do texto.

A presente pesquisa tem como objetivos estudar a compreensão de leitura em crianças de 2ª de 3ª séries do Ensino Fundamental, através da análise do relato de história, e verificar a influência dos fatores nível de escolaridade, faixa etária e sexo nas habilidades de recontar histórias lidas.

## 2 Método

### Participantes

A amostra era constituída por 40 crianças, metade de 2ª e metade de 3ª série do Ensino Fundamental, com idades entre 6:11 e 9:4 anos (média = 8:1 anos), selecionadas aleatoriamente de uma população de 76 alunos de uma escola particular do município de Porto Alegre. 42,5% das crianças tinham até 8 anos de idade e 57,5% da amostra encontravam-se na faixa etária superior a 8 anos; 67,5% eram meninas e 32,5%, meninos.

### Instrumento e procedimentos

As crianças foram avaliadas, em relação às habilidades de compreensão de leitura, no próprio ambiente escolar, em uma sessão de aproximadamente 30 minutos. Todas foram solicitadas a ler silenciosamente uma história de aproximadamente 200 palavras e, posteriormente, recontá-la com o maior número de detalhes possível. A história intitulada "A Coisa" foi adaptada do texto de Rocha (1997). O texto está apresentado em anexo.

Os relatos da história foram analisados segundo o Modelo de Compreensão Textual de Kintsch e van Dijk (1978). Neste modelo, o significado do texto original é representado através de uma lista estruturada de proposições, que são classificadas, conforme sua importância para a compreensão da história, como fazendo parte da microestrutura (detalhes) ou da macroestrutura (idéias essenciais) do texto. A história "A Coisa" foi dividida, através de acordo entre quatro juizes, em 61 proposições, sendo 23 consideradas como integrando a macroestrutura e 38 a microestrutura do texto.

O relato da história realizado por cada criança foi gravado, transcrito e analisado independentemente por três juizes. A resposta dos sujeitos foi classificada em porcentagem de proposições, porcentagem de macroproposições e de microproposições da história original relatadas; número de inferências, interferências e reconstruções presentes.

Foram consideradas inferências comentários pertinentes a respeito de fatos presentes na história original, utilização de uma supercategoria semântica (ex.: velho para avô), relato de um fato que deve ter acontecido na história, mas que está ausente no texto original. Considerou-se interferência casos em que a criança modifica o significado das proposições da história por ter associado numa mesma proposição dois elementos presentes na história, mas

independentes. Ocorreu uma reconstrução quando houve a introdução de proposições que relataram fatos não presentes na história original (Parente, Capuano e Nespoulous, 1999).

Os resultados foram expostos em termos de médias e desvios padrão. As comparações de médias entre grupos, segundo série escolar, faixa etária e sexo, foram realizadas através do Teste T de Student, em nível de 5% de significância. As correlações entre as avaliações foram analisadas através do Teste de Correlação de Pearson.

### 3 Resultados

Em média, 16,31% das proposições da história foram relatadas, 23,04% da macroestrutura e 12,23% da microestrutura do texto. Houve uma média de 2,5 inferências, 1,1 interferências e 1,4 reconstruções nos recontos da história. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre as médias do número de inferências, interferências e reconstruções presentes no reconto, segundo os fatores série e sexo.

As meninas relataram, em média, maior porcentagem de proposições e macroproposições da história do que meninos, sendo estas diferenças entre as médias estatisticamente significantes ( $t=2,23$ ;  $p<0,05$ ;  $t=2,65$ ;  $p<0,05$ ). Crianças com idade inferior a 8 anos apresentaram maior número de interferências ( $M=1,23$ ) no seu reconto do que crianças mais velhas ( $M=0,65$ ), sendo esta diferença entre as médias estatisticamente significativa ( $t=2,19$ ;  $p<0,05$ ).

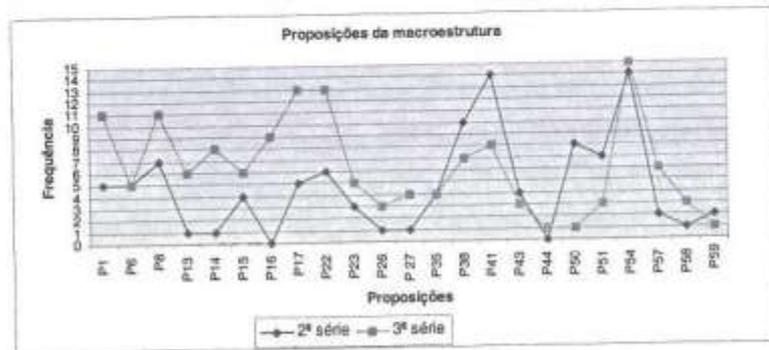
Houve efeito de interação significativo entre série e sexo ( $F=5,97$ ;  $p<0,05$ ) e entre idade e sexo ( $F=5,12$ ;  $p<0,05$ ) sobre as médias do número de reconstruções. Na faixa etária superior a 8 anos, na amostra de crianças da 2ª série, os recontos das meninas apresentaram maior número de reconstruções que os dos meninos, e na amostra de 3ª série, houve o padrão inverso.

As macroproposições mais citadas pelas crianças de 2ª série, em ordem decrescente de ocorrência, foram: P 41 e P 54 (70% da amostra); P 38 (50% da amostra) e P 50 (40% da amostra). Na 3ª série, as macroproposições mais frequentemente recontadas foram: P 54 (75% da amostra); P 17 e P 22 (65% da amostra); P 1 e P 8 (55% da amostra) e P 16 (45% da amostra). Estes resultados estão expostos no gráfico 1. Em geral, crianças da 2ª e 3ª séries parecem eleger as mesmas proposições como mais importantes para seu reconto, apesar de a frequência de sujeitos que recontaram cada proposição ter sido maior na 3ª série. Esse padrão é mais visível nas proposições iniciais da história.

As correlações estatisticamente significantes foram entre porcentagem de macroproposições e microproposições ( $r=0,5$ ); porcentagem de macroproposições e idade ( $r=0,37$ ) e porcentagem de microproposições e número de inferências ( $r=0,33$ ).

Gráfico 1

Frequências de proposições da macroestrutura do texto relacionadas, segundo a série escolar.



### 4 Comentários e conclusões

As crianças relataram melhor a macroestrutura da história, evidenciando adequada compreensão da essência da mesma. Proposições dentro de uma história são ordenadas hierarquicamente. Elementos de níveis mais altos da hierarquia (macroproposições) têm maior probabilidade de serem lembrados e incluídos em resumos (Kintsch, 1998).

Nos recontos, as inferências foram mais frequentes do que as reconstruções e as interferências, mostrando que as crianças extraíram também as idéias implícitas na história e, em geral, mantiveram-se fiéis ao significado original da mesma. As interferências estavam mais presentes no reconto de crianças mais jovens, evidenciando que, com o desenvolvimento, as crianças tornam-se mais fiéis às idéias lidas na hora de recontá-las. O recontar de histórias melhora com o avanço da idade, pois crianças mais novas mostram-se menos fiéis ao texto que lhes foi apresentado, incluindo elementos de outras histórias (Brandão e Spinillo, 1998).

Na amostra estudada, os fatores sexo e idade exerceram uma certa influência na habilidade de recontar histórias. As meninas, além de relatarem mais proposições do que os meninos, apresentaram um reconto com mais fatos relevantes (macroproposições) do que os meninos.

A correlação positiva entre macroproposições e idade pode ser explicada pelo fato de que, com a idade, as capacidades de resumir e selecionar as idéias mais importantes de uma história (estratégias metacognitivas) aumentam, tornando as crianças mais hábeis no reconto da macroestrutura da história.

A correlação positiva entre proposições da microestrutura da história e número de inferências presentes no reconto sugere que, à medida que a criança descreve os detalhes de uma história, ela passa a enunciar também as inferências feitas durante a leitura, ou seja, as idéias subentendidas na história.

### Referências bibliográficas

BRANDÃO, A. C. P.; SPINILLO, A. G. Aspectos gerais e específicos na compreensão de textos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 253-272, 1998.

CARMONA, M. B.; GÓMEZ, A. R.; GONZÁLEZ, J. M. *Psicología del lenguaje: Investigación y Teoría*. Madrid: Trotta, 1992.

FLAVELL, J. H.; MILLER, P. H.; MILLER, S. A. *Desenvolvimento Cognitivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

KINTSCH, W. *Comprehension: a paradigm for cognition*. New York: Cambridge University Press, 1998.

—; van DIJK, T. A. Toward a model of text comprehension and production. *Psychological Review*, v. 85, n. 5, p. 363-394, 1978.

PARENTE, M. A. M. P.; CAPUANO, A.; NESPOULOUS, J. Ativação de Modelos Mentais no Recontar de Histórias por Idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 157-172, 1999.

ROCHA, R. A Coisa. In: CARVALHO, C. S.; BARALDI, M. D. *Construindo a escrita: leitura e interpretação de textos*. São Paulo: Ática, 1997.

### Anexo:

#### Estrutura proposicional da história "A Coisa"

**A casa do avô 1/** de Pedro 2/ era uma dessas casas antigas 3/, grandes 4/, que têm dois andares 5/ e **mais um porão 6/** velho 7/.

**Um dia Pedro resolveu ir lá embaixo 8/** procurar uns patins 9/.

Pegou uma lanterna 10/ e foi descendo as escadas 11/ com cuidado 12/.

No que foi, **voltou 13/ aos berros 14/:**

– **Fantasma! 15/ Uma coisa 16/** horrível! 16.a/ **Um monstro 17/** com uma luz 18/ saindo da barriga 19/.

Ninguém acreditou! 20/ Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? 21/

**Então o vovô foi ver o que havia 22/**. E **voltou 23/** correndo 24/ como o Pedro 25/:

– **A Coisa! 27/** – **ele gritava 26/** – **A Coisa! 27/** É muito 29/ alta 28/, com os olhos brilhantes, 30/ como se fossem de vidro! 31/ E na cabeça uns tufo 32/ espetados 33/ para todos os lados! 34/

**Dona Julinha, a avó do Pedro, 35/** era a única 37/ que não estava impressionada 36/ **Então ela foi ver o que estava acontecendo 38/** Foi descendo as escadas 39/ devagar, 40/ **abrindo as janelas 41/** que encontrava 42/.

**A família veio atrás 43/ toda assustada 44/**, morrendo de medo 45/ do monstro 46/, fantasma 47/, fosse lá o que fosse 48/.

Até que chegaram lá embaixo 49/ e **Dona Julinha abriu a última janela 50/**.

**Então todos começaram a rir 51/**, muito 53/ envergonhados 52/.

**A Coisa era... um espelho! 54/**

Cada um que descia as escadas, 55/ no escuro, 56/ **via uma coisa 57/ diferente 59/ no espelho 58/**. E todos eles pensavam que tinham visto... a Coisa. 60/